

*Aula 2*

*(Pontos do Programa)*

**I. Conceito, Objeto e Função da Filologia**

1. A polissemia do termo Filologia. Conceitos de referência. Filologia, Ecdótica e Crítica Textual.

**III. A Crítica Textual**

1. Teoria e prática das transmissões do texto

*Bibliografia Específica*

- 📖 CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- 📖 CASTRO, Ivo. O Retorno à Filologia. Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in *Memórias Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995, pp.511-520.
- 📖 CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. *Estudos Avançados* 11(5), 1991.
- 📖 SPAGGIARI, Barbara; PERUGGI, Maurizio. Fundamentos da Crítica Textual. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- 📖 SPINA, Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. SP: Cultrix/Edusp, 1977.

**Epígrafe:** “*Whatever they do, authors do not write books*” (R. Stoddart)

**1. Cancioneiro Cristóvão Borges (1578), f.31:**

Alma minha gentil, que te partiste  
tam cedo deste corpo descontente  
reposa tu nos ceos eternamente  
e viva eu cá na terra sempre triste

Se lá no alto ceo onde subiste  
memória deste mundo se consente  
não te esqueças daquela amor ardente  
que em estes olhos meus tão puro viste

e se achares que pode merecer-te  
algua cousa a dor que me ficou  
alma já sem receo de perder-te

Pede a Deos que teus dias encurtou  
que tão cedo de cá me leve a ver-te  
quão cedo de meus olhos te levou.

**2. Cancioneiro Luis Franco Correa (1557-1589), f.8v:**

Alma minha gentil que te partiste  
tão cedo deste corpo descontente  
Repousa tu nos ceos eternamente  
e viva eu cá na terra sempre triste

Se lá no assento Etéreo onde sobiste  
memória deste mundo se consente  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste

e se vires que pode merecer-te  
algua cousa a dor que me ficou  
da mágoa sem remédio de perder-te.

Pede a Deos que teus anos encurtou  
que tão cedo de quá me leve a ver-te  
quão cedo dos meus olhos te levou.

< *Imagens 1 e 2:*

Spaggiari & Peruggi (2004),  
pp. 313-314.

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida, descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

^ *Imagem 3:* Wikisource,

[http://pt.wikisource.org/wiki/Alma\\_minha\\_gentil\\_que\\_te\\_partiste](http://pt.wikisource.org/wiki/Alma_minha_gentil_que_te_partiste)

## 1. A Crítica Textual; Teoria e prática das transmissões do texto

“Das origens até meados do século XV, a cópia manual é o meio com que os homens retêm na memória coletiva, e transmitem para a posteridade, o patrimônio cultural da nossa civilização, tanto no campo da ciência como no da religião, da história, da política, da literatura. Fala-se, então, de **tradição manuscrita**, com um vocábulo que mantém o primitivo significado latino: tradição deriva, de fato, do latim TRADERE, ou seja, ‘confiar, entregar’ ”. (...)

“Antes da invenção da imprensa, um texto muito divulgado e muito lido é, necessariamente, um texto que foi copiado muitas e muitas vezes. E, a cada cópia, o texto é sujeito ao risco de ser alterado, de maneira mais ou menos grave, no que diz respeito à sua versão original. Transcrever um texto qualquer sem cometer erros, ou sem introduzir alterações, é tarefa quase impossível. Uma cópia representa a versão necessariamente alterada do original que intende transmitir. Por isso, foi criada uma disciplina, a crítica textual (ou ecdótica), que tem por fim o exame exaustivo de toda a tradição manuscrita, para verificação de seu grau de autenticidade, e no intento de estabelecer o texto original perdido”. [Spaggiari & Perugi, 2004:18-19 - *A tradição manuscrita; O original e as cópias*]

“Com certeza a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura. Assim como se restauram pinturas, esculturas, igrejas e diversos outros bens culturais da humanidade, a fim de que mantenham a forma dada por seu autor intelectual, igualmente restauram-se os livros em termos tanto físicos (recuperação da folha, da encadernação, da capa, etc.) quanto de seu conteúdo (recuperação dos textos)”. [Cabraia, 2005:19 - *Contribuições*]

“Depois da invenção da imprensa, as modalidades de transmissão das obras literárias, como já foi recordado, mudaram radicalmente: contudo, não se deve pensar que os problemas relativos às alterações dos textos transmitidos encontrassem, com o advento da técnica, a solução definitiva”. (...) “Nas *Rimas* de Camões, por exemplo, ao lado dos livros de mão, isto é, dos manuscritos coevos do poeta que nos conservam a sua obra lírica, temos que tomar conta também das duas primeiras edições impressas, de 1595 e 1598, por serem ambas baseadas na tradição manuscrita, sem todavia corresponder a algum dos testemunhos existentes, por causa, também, de contaminação”. [Spaggiari & Perugi, 2004:21-22 - *A tradição impressa*]

“Luís de Camões, como se sabe, não deixou a própria obra lírica recolhida, nem ordenada em forma definitiva para a publicação. A ‘editio princeps’, de 1595, por Manoel de Lyra, apareceu 15 anos após a morte do Poeta, e já contém com certeza vários apócrifos, ou sejam, poesias erroneamente atribuídas a Camões, e indevidamente colocadas dentro de seu cânone. Limitando-nos ao caso paradigmático dos Sonetos, realce-se que o seu número inicial, na ‘princeps’ de 1595, era apenas 65. Esse número cresce, ao longo dos séculos, com uma progressão espantosa: os sonetos são 105 já na segunda edição de 1598, 253 na ‘famigerada’ edição de Faria e Sousa, 380 na edição de Teófilo Braga do final do século XIX, e até 400 na edição mais recente de Cleonice Bernardinelli (1980), integrando todos os sonetos que, uma ou outra vez, foram atribuídos a Camões. No seu total, a lírica camoniana, através de um processo incessante de dilatação, chegou a atingir mais ou menos 700 peças”. [Spaggiari & Perugi, 2004:302 - *A questão da lírica camoniana e uma nova leitura do soneto ‘alma minha gentil’*]

#

“Whatever they may do, **authors do not write books**. Books are not written at all. They are manufactured by scribes and other artisans, by mechanics and other engineers, and by printing press and other machines” [R. STODDARD, "Morphology and the Book from an American Perspective", *Printing. History*, 17,1987, pp. 2-14. Citado por Chartier (1991)].

## 2. Voltando a alguns conceitos de referência – Filologia/Edótica/Crítica Textual

### Segismundo Spina

“Resumindo: três são as funções da atividade filológica:

1<sup>a</sup>) **Função substantiva**, em que ela se concentra no texto para explica-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepara-lo tecnicamente para publicação;

2<sup>a</sup>) **Função adjetiva**, em que ela deduz, do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização);

3<sup>a</sup>) **Função transcendente**, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou”. (1977: 75-77)

### Ivo Castro

“Para dizer as coisas de uma forma muito esquemática, o estabelecimento do texto é a tarefa para que convergem directa ou indirectamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob a forma de edição crítica: por um lado, são eliminados os erros introduzidos no decurso da transmissão textual e, por outro, são mantidos todos os traços que, sendo coerentes entre si e coerentes com o sentido e a natureza do texto (tal como o filólogo o entende), se presume sejam de origem autoral. Se se quiser, estabelecer um texto consiste em preparar, a partir de um seu exemplar cuidadosamente escolhido, uma cópia em que alternam a reprodução dos elementos gráficos atribuíveis ao autor (transcrição) e a substituição dos elementos reputados não-autoriais (erros) pelos seus correspondentes conjecturadamente originais (emenda). Este método de editar um texto anulando ou reduzindo ao mínimo as suas diferenças com aquele que saiu das mãos do autor (neutralizando o rumor adquirido pela mensagem durante a transmissão) aspira, evidentemente, a habilitar qualquer leitor a extrair do texto a exacta interpretação que o autor tencionou. Mas, evidentemente, não o consegue na totalidade. Apesar de todos os extremos de rigor, erudição e crítica que pode atingir, o método oferece, durante a operação final de estabelecimento do texto, pelo menos quatro momentos em que o filólogo, em vez de recuperar dados objectivos e exteriores, corre o risco de oferecer o resultado de uma opinião sua acerca desses dados, ou seja, pura e simplesmente uma sua interpretação. O risco de a ciência e o gosto do filólogo (a sua subjectividade) interferirem no estabelecimento do texto surge nos seguintes quatro momentos: quando ele julga identificar o erro, quando ele conjectura a respectiva emenda, quando decifra o original (podendo a sua expectativa quanto ao que o texto quer dizer sobrepor-se ao que o autor disse) e, finalmente, quando escolhe os signos gráficos que, na sua transcrição, vão equivaler aos do exemplar. É deste último aspecto, aparentemente o mais inofensivo de todos, que se ocupa Claire Blanche-Benveniste: quando o filólogo erra na transcrição, cria um facto linguístico novo, que parece pertencer ao texto original do autor, mas na realidade se deve ao seu editor.”

### Heitor Megale e César Nardeli Cambraia

“Ao abrir este trabalho, que tem por objetivo tentar delinear os caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos dez anos, é de todo importante esclarecer o significado com que se trabalha aqui a palavra *Filologia*. Esse termo está sendo utilizado aqui na acepção definida por Ivo Castro como: “ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor (Castro, 1992:124)”.